

Benares



GUTIERRE  
ALVES



**FLORES  
QUE  
ESCREVI  
CAINDO**



# FLORES QUE ESCREVI CAINDO

Gutierre Alves



Benares

Flores que escrevi caindo © 2019-2023 **Gutierre Alves**  
Flores que escrevi caindo © 2019-2023 **Benares Editora**

**Projeto gráfico:** Benares Editora  
**Revisão:** Alane Mota  
**Diagramação:** Joarlan de Sousa Colaço  
**Capa:** Etiel Leite

**Conselho editorial:**

José Luciano de Queiroz Aires - UFCG  
Livia Chaves Melo - UFT  
Mylena de Lima Queiroz - UFPB  
Rosângela de Melo Rodrigues - UFCG

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

**Alves, Gutierre**

Flores que escrevi caindo / Gutierre Alves.

1. ed. - Campina Grande, PB : Benares Editora, 2023.

ISBN: 978-65-81197-26-1

1. Poesia brasileira 2. Poesia Paraibana 3. Literatura Campinense. 4. Escrita de si  
I. Título.

23-169522

CDD-B869.1

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia: Literatura brasileira B869.1 Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária  
CRB-1/3129

© Todos os direitos reservados ao autor: Gutierre Alves. Este livro ou parte dele não pode ser reproduzido por qualquer meio sem a autorização do autor ou da Benares Editora. As ideias contidas neste livro são de responsabilidade qualquer semelhança com fatos ou pessoas reais mera coincidência.

*Aos que tropicaram. E resistiram!*

*A Palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.*

*(Graciliano Ramos)*

*A vida é cheia de surpresas. Muitas surpresas a gente não quer aceitar, mas tem que aceitar!*

*(Tia-Avó Luizinha)*

*Um bom poeta pode fazer uma alma despedaçada voar.*

*(Charles Bukowski)*

## POESIA AO RÉS DO CHÃO

Por Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio<sup>1</sup>

O renomado crítico literário, Antonio Cândido, definiu a crônica brasileira da segunda metade do século XX como a expressão da vida ao rés do chão, uma forma de impactar a realidade do seu tempo. Neste contexto, uso esta imagem-síntese para refletir sobre a poesia contida nesta coletânea de Gutierre Alves, intitulada “Flores que escrevi caindo”. O termo “rés do chão”, em seu sentido literal, refere-se ao nível do solo, ao pavimento térreo ou à proximidade deste. A crônica e a poesia associadas a essa metáfora, portanto, estão intrinsecamente ligadas ao cotidiano vivenciado ao olhar lírico ou lúdico do dia-a-dia.

Gutierre Alves empreende no seu livro uma incursão lírica e ao mesmo tempo crítica em sua realidade externa e interna, capturando fragmentos de sensibilidade em meio à concretude do cotidiano. Como um observador atento da realidade, um pintor realista, ele envolve o leitor em suas impressões sobre os desvios da existência. Em sua cosmovisão, sobrepõe uma certa corporeidade, um diálogo afetivo e, às vezes, sedutor, com uma musa real ou imaginária, bem como reflexões relacionadas às redes sociais e os usos de aplicativos, o que torna os poemas retratos de um tempo ou tensionados pelas marcas de certo presentismo.

Gostaria de destacar o conjunto de bons poemas dedicados às experiências do eu lírico sobre os espaços em Campina Grande,

---

1 Escritor e historiador. Doutor em História Social pela USP. Autor de diversas coletâneas de poemas, destaque para *O silêncio branco*, *A cicatriz que canta o incêndio da raiz* e *Blues e Minotauros*.

sua cidade natal, como o Parque da Criança e o Parque do Povo (de uso mais coletivo), assim como a ambientação retratada da Praça da Morgação ou o Ferro de Engomar (de uso mais restrito e boêmio). Esses espaços se apresentam pelo autor como uma cartografia sentimental, muitas vezes capturada por imagens que reforçam a corporeidade mencionada anteriormente.

Em relação às características gerais da coletânea poética, podemos observar uma predominância de poemas sintéticos, com títulos instigantes, singulares e narrativos, alguns claramente inspirados no poeta maranhense Ferreira Gullar (A arte existe, porque a vida não basta). Há também uma prevalência de versos prosaicos, o que talvez explique a epígrafe de Graciliano Ramos, quando afirma: “A palavra não foi feita para enfeitar, brilhar como ouro falso; a palavra foi feita para dizer.”

Em conclusão, “Poesia ao Rés do Chão” de Gutierre Alves é uma coletânea que mergulha na essência da vida cotidiana, retratando-a com sensibilidade e precisão. Os poemas revelam a habilidade do autor em capturar momentos efêmeros e transformá-los em versos carregados de significado. Ao abraçar a ideia de “rés do chão”, Alves apresenta uma abordagem corpórea e afetiva, aproximando-se da realidade vivida e proporcionando um diálogo íntimo com os leitores.

Campina Grande, 12 de julho de 2023.

**POESIA AO RÉS DO CHÃO** [Bruno Gaudêncio], 6

Ode ao Garrincha de minha rua, 10

A arte existe, porque a vida não basta, 11

A vida existe porque a arte não basta e vice-versa, 12

O título não cabe no poema, 13

Resumo de um mundo em transe, 14

Tudo fora do lugar, 15

Ironia do destino, 16

Lápide [Para Wilker Araújo - in memoriam], 17

Já diria meu avô, 18

Saudade [Para vó Irene e vô Miguel], 19

Liberdade, 20

O poeta menino, 21

O silêncio dos culpados, 22

Meu caro amigo, 23

Amizade [Para os amigos Marco Antônio e Gregório], 24

O homem e sua flauta, 25

Fim de tarde, 26

Tentando entender, 27

Então toma!, 28

Pelas ruas da cidade, 29

Parque da criança, 30

Ferro de engomar, 31

Parque do povo, 32

Quando a gente menos espera [Para Tamara], 33

Se me perguntarem o que é o amor, 34

Pracinha da Morgação ou o amor nos tempos do cólera [Para

Fabielle], 35

Memória líquida, 36  
Último pedido ou poema do fim do mundo, 37  
Sentido vazio, 38  
Não sabemos o que fazer, 39  
Presenteísmo, 40  
Rede social, 41  
Pós pandemia, 42  
O tempo, 43  
Palácio do planalto, 44  
Ode ao samba ou a terra não é plana, 45  
Indigesto delírio cotidiano, 46  
Óbvio, 47  
Esconde-esconde, 48  
Ondas, 49  
Pequeno manual de poesia, 50  
Dor, 51  
O gol da vitória no último minuto, 52  
De repente, 53  
Eternidade, 54  
Moto *boy* [Aos entregadores por aplicativo], 55  
Tudo mudou, nada mudou, 56  
Restos de nós, 57  
Quiproquó, 58  
Crescer dói, 59  
Flor que escrevi caindo, 60  
  
**Posfácio, 61**  
**Biografia, 62**

## ODE AO GARRINCHA DE MINHA RUA

De três dedos, com classe, chuta sonhos  
pra lá de Bagdá.

Salta, feito um campeão olímpico  
cabeceando pedras  
que seus pais deixaram pra trás.

Dribla, mesmo com pernas tortas e  
calcanhares de Aquiles  
os medos de quem nasceu  
de costas pra lua.

Quando ouve a sirene, corre  
descalço mesmo  
não quer ser estatística  
de quem atira pra brincar – matar!

## **A ARTE EXISTE, PORQUE A VIDA NÃO BASTA**

Em busca da beleza sonora  
que sacie os desejos  
neste mundo de ilusões

Em busca da jogada mais bela  
que alivie o cansaço  
das frustrações cotidianas

Em busca do traço sem erros  
que transforme a realidade  
num céu estrelado

Em busca do verso perfeito  
que acabe com a solidão  
e as dores do mundo.

## **A VIDA EXISTE PORQUE A ARTE NÃO BASTA E VICE- VERSA**

rodeado  
de livros e poemas  
romances e pinturas  
desenhos e discos  
e todas as produções artísticas  
produzidas durante séculos e mais séculos de história

faltou para ele apenas  
o contato com o ser  
humano.

## O TÍTULO NÃO CABE NO POEMA

Tempo perdido, sem direção nem lugar  
onde nuvens cotejam pingos de memória  
que insistem em ficar.

Tempo sem eira, nem beira  
eterno labirinto da dúvida  
que não veio a calhar.

Tempo teimoso, traiçoeiro  
escorre no varal úmido  
de quem esqueceu de enxugar!

## RESUMO DE UM MUNDO EM TRANSE

O céu se abre  
O mundo parece desabar  
A bolsa de valores perde o valor  
Mas o preço dos produtos sobem.

O tempo passa devagar  
O espaço parece se dilatar  
(em direção ao nada!)  
E tudo que a humanidade inventou  
Parece não ter mais sentido

A Ciência sem respostas  
A filosofia sem perguntas  
Alguns religiosos brincando com a fé  
Os bancos fechados (Mas continuam lucrando!)  
Os noticiários repetindo notícias  
Os capitalistas sem dinheiro (será?).

## TUDO FORA DO LUGAR

Vamos para o mesmo buraco  
Tornar-se o ditado mais sensato no momento.

Apesar de tudo  
A música ainda acalenta nossos corações  
A literatura mostra que um mundo melhor é possível  
A poesia é o nosso antídoto  
Contra o QUASE insuportável caos

de agora  
de ontem  
e do que ainda está  
por vir.

## IRONIA DO DESTINO

vô onde chegava  
fazia um verso, uma rima  
repentista ele era

a partida, assim também sucedeu:  
o coração parou  
repentinamente ele morreu.

## LÁPIDE

Para Wilker Araújo (*in memoriam*)

uma das formas  
que o ser humano encontrou para lutar  
contra o esquecimento.

Mais uma derrota  
do chamado  
Homo Sapiens Sapiens?

## JÁ DIRIA MEU AVÔ

Entre cadeiras  
buzinas de carro  
trapezistas de circo

Sente  
que a vida foge  
tem fugido

Como aquele velho ditado  
que o avô dizia  
à mesa  
aos domingos  
sempre que perguntavam como ele estava:

Estou escapando  
feito bujão  
de gás.

## SAUDADE

*Para vó Irene e vô Miguel.*

Aquela ausência  
com gosto de família reunida  
aos domingos  
na casa dos avós.

## **LIBERDADE**

Todos os dias da semana  
eles passam trancados  
feito animais de zoológico

sem direito ao banho  
a comida decente  
muito menos à brincadeira  
ou simplesmente  
cagar em paz.  
(falta papel higiênico)

na sexta-feira  
ao ouvirem tocar o sinal  
é como as trombetas dos anjos celestiais  
assim falassem:

Voem, passarinhos  
Voem!

## O POETA MENINO

Na quadra da escola  
os meninos se divertem  
como se não houvesse amanhã

As meninas, sentadas na arquibancada,  
conversam  
sobre namoricos e coisas banais.

A funcionária, na parte de fora  
recolhe a sujeira  
de algum coração despedaçado

Já os pardais, nos fios dos postes, trocam olhares e carícias  
ensinam aos humanos  
o que há muito esqueceram.

Enquanto isso  
o garoto observa-os  
com um coração de poeta  
que ainda nem sabe,

Que tem.

## O SILÊNCIO DOS CULPADOS

O poeta, sozinho  
marcado pelo silêncio;  
no barulho estonteante  
da multidão.

## MEU CARO AMIGO

Enquanto o sentimento de derrota  
apurava-se nos vasos sanguíneos  
expelia dos poros  
adentrava a alma

Buarque consumia o ar poluído  
trazendo uma limpidez  
mais que sonora  
já que renovava o espírito dos desajustados  
e daqueles desesperançados  
com a vertigem da vida.

## AMIZADE

*Para os amigos Marco Antônio, Leonardo e Gregório.*

Tirar o próprio véu  
para que o Outro  
enxergue a nossa alma

é ficar nu  
mostrar que somos feitos  
de carne, ossos,  
suor, lágrimas, erros  
sangue, nervos,  
e  
coração.

## O HOMEM E SUA FLAUTA

Pequenos fragmentos de vida urbana  
flutuam em círculos giratórios

Carros se movimentam  
rumo à lugar algum

Pedestres pisam em restos  
insaciáveis de memória

Semáforos sem cores  
deixam cegos os pardais que os tocam

O asfalto expele o desejo  
dos miseráveis com dinheiro

Delicadamente o homem assobia flores  
com sua flauta arco-íris.

## FIM DE TARDE

Pela primeira vez o homem  
dos pés cansados  
entra no bar mais popular da cidade

pede uma caipirinha  
é preciso aliviar a existência  
nada melhor que cachaça, gelo e limão  
além, claro, de sua própria presença

enquanto os garçons se perguntam  
o que aquele louco faz  
sozinho  
bebericando  
e escrevendo  
em folha de guardanapo que,  
apesar da boa aparência  
fede  
à mauricinhos pequeno-burgueses  
dessa pequena Campina  
que se diz Grande.

## TENTANDO ENTENDER

Belchior tocando no Sportfy.  
ano das grandes vitórias  
o camarada me disse.

de onde tirou isso?  
de alguma palestra barata do youtube?

Na sala  
a Netflix continua ligada  
com algum filme da Marvel  
ou de outra franquia Norte Americana.

Enquanto isso  
continuo no quarto  
tentando entender  
como os grandes homens e as grandes mulheres são esquecidas  
e os idiotas  
os farsantes  
os fanáticos e idolatras  
estão no outdoor  
Cidade afora.

## ENTÃO TOMA!

Lacaios rastejam  
sob fios desencapados  
de cidades mortas.

Percevejos escalam  
árvores carcomidas  
pela vida sem tempo,  
sem memória,  
sem lugar!

Moscas rondam, voam  
em círculos giratórios  
as fezes secas  
de quem não tem o que comer.

Os ratos roem  
a vida roída e insossa  
da besta fera  
que fala fala fala  
sem ter o que dizer!

## PELAS RUAS DA CIDADE

a observação de tudo que há:

a busca incansável  
de preencher o vazio  
através da bebida, das mulheres, dos jogos de azar

Preencher a existência  
é algo que não foi ensinado  
nos tempos de escola, de universidade  
até por que os nossos professores  
não teriam muito  
o que dizer a respeito.

Seguimos buscando  
não sabemos para quê  
apenas buscamos  
Pelas ruas da cidade  
algo  
ou alguma coisa  
que nos faça acreditar  
que não falhamos  
e que sonhar  
não foi em vão.

## PARQUE DA CRIANÇA

Os pássaros cantando  
as folhas caindo

Os coqueiros balançando  
as flores se abrindo

As nuvens passando  
os corações florindo

O poema sendo escrito  
sem a gente nem perceber.

## **FERRO DE ENGOMAR**

a vida é aqui e agora  
eu você as cervejas  
os velhos senhores

Desgastados pela vida,  
mas que não se renderam!

## PARQUE DO POVO

agora  
neste minuto  
sob o sol ardente que queima o nosso rosto

queríamos  
um xote, um xaxado, um baião  
e uma morena formosa  
que sentada no colo  
beijaria poemas  
com gosto de maçã  
(aquelas do amor)  
vendidas nas barraquinhas  
do Parque do Povo.

## QUANDO A GENTE MENOS ESPERA

*Para Tamara*

algo especial  
na medida – apesar dos pesares.

algo que você procurava  
e por algum motivo sempre desviou

algo que o entende  
seus erros, frustrações, dores e amores

algo não para colocar você no trilho  
mas para dá asas para voar.

algo...não!  
alguém como você, querida  
é difícil encontrar.

## SE ME PERGUNTAREM O QUE É O AMOR

é encontro  
de corpos  
perdidos.

## PRACINHA DA MORGAÇÃO OU O AMOR NOS TEMPOS DO CÓLERA

*Para Fabielle*

Faz tempo que ela me pede  
um poema de amor.

faz tempo que não encontro as palavras  
para falar de amor.

palavras para quê?  
palavras, algumas vezes,  
são desnecessárias, garota

O poema somos nós.

eu e você,  
dando xêro no cangote  
debaixo das árvores  
vendo as pessoas  
e o tempo  
passar.

## MEMÓRIA LÍQUIDA

de você só guardei  
os pedidos no Ifood  
que ficaram na memória

do celular!

## ÚLTIMO PEDIDO OU POEMA DO FIM DO MUNDO

### I

Que nossa última lembrança  
seja aquela cervejada que tomamos  
no churrasquinho da esquina  
com litrão

à Cinco contos.

### II

Que minha última lembrança seja  
teu sorriso sorridente radiante  
ao colocar um vestido bordado  
com as cores do São João.

## SENTIDO VAZIO

Drummond de um lado  
o vinho do outro  
Cartola na vitrola

a fotografia do momento  
preenche a rede social

só o gosto da ausência  
e do vazio  
não aparecem.

## NÃO SABEMOS O QUE FAZER

em tempos sombrios  
onde quase tudo virou concreto  
e o arco-íris  
se foi

um homem não pode chorar.

mesmo aqueles e aquelas  
que dizem  
homem também chora  
não sabem o que fazer  
quando o rio escorre

l  
a  
d  
e  
i  
r  
a

abaixo!  
desesperados ficam  
desesperados estamos  
a Felicidade é uma Utopia mais distante  
que a Muralha da China.

## PRESENTEÍSMO

Estamos ávidos pelo presente  
o passado não importa  
não é digno de nota  
não recebe likes

o futuro  
a Deus pertence  
amanhã, se possível  
colocamos o pão sobre à mesa

o que importa é o agora  
o hoje  
a notícia de ontem  
já foi esquecida.

esquecimento  
que todos nós seremos vítimas  
após o vírus consumir  
o pouco de humanidade  
que nos restou.

## **REDE SOCIAL**

a destruição  
de parte da Raça humana

caberá  
em uma selfie?

## PÓS PANDEMIA

ela continua usando máscara  
pensa que as cicatrizes do coração  
podem

pular pela

boca.

## O TEMPO

Não pertence a nós.

fomos roubados  
e ficamos quietos  
calados  
feito cãesinhos adestrados  
esperando a benevolência  
dos nossos donos:  
os patrões  
o Estado  
os governos  
Enfim...

Nossa maior riqueza se foi.

não tivemos coragem sequer  
de escrever um simples  
e frágil  
poema!

## **PALÁCIO DO PLANALTO**

como um homem  
sozinho neste barco

sobrevive  
a este mar de ilusões?

## ODE AO SAMBA OU A TERRA NÃO É PLANA

O mundo é uma bola.

se tivesse poderes  
transformaria em uma Roda

de Samba.

## INDIGESTO DELÍRIO COTIDIANO

### I

não pergunte porquê  
não saberei responder  
quando a alma inquieta  
a boca fecha  
sem ter o que dizer.

### II

tentando digerir  
a ossada carcomida  
de um ano ruim.

## ÓBVIO

Tentando juntar os cacos...  
melhor não!  
eles podem nos furar.

## ESCONDE-ESCONDE

Na penumbra de nossos dias  
o Sol desapareceu.

O poema, antes lido e relido  
dissolveu-se nas brumas da memória.

Os beijos, agora secos  
sussurram palavras que ninguém escuta.

A cerveja, amarga e quente  
coteja pingos em corações fragmentados.

A vida, nesse eterno esconde-esconde  
se oferece para quem  
já não quer mais brincar.

## **ONDAS**

em frente ao mar  
a dor não faz  
Ressaca.

## PEQUENO MANUAL DE POESIA

Não tenha vergonha do que sentes  
muito menos do que escreves  
a vida é curta  
do tamanho do pavio do meu pai.

Vergonha é matar, roubar  
prostituir nem tanto, nem tanto  
a vida é breve  
como o canto do Canário que acabou de voar.

## **DOR**

a dor dói  
dói diuturnamente  
dói mesmo  
lá no fundo

como água de poço  
que está secando  
sangrando está  
esse pobre

Coração.

## O GOL DA VITÓRIA NO ÚLTIMO MINUTO<sup>2</sup>

é a melhor sensação  
que o homem comum pode ter  
após ser vencido

pelos sonhos

não conquistados.

---

2 Inspirado após o gol de Negretti, no último minuto de jogo contra o Bahia, pela Copa do Nordeste de 2015.

## DE REPENTE

Quando a felicidade bater à porta  
deixe-a entrar

eu sei, eu sei  
foram tantas derrotas  
que você ficará ressabiado  
ressabiado com o destino  
ressabiado com os Deuses.

Mas quando a felicidade bater à porta  
deixe-a entrar  
escancare as janelas  
jogue fora as cortinas  
arreganhe a porta!

A felicidade é um campinho cheio  
de crianças jogando futebol.

## **ETERNIDADE**

ausência do Tempo  
algo que nós  
simples mortais sentimos  
após um gozo triunfante  
daqueles  
que fazem a Terra  
tremer.

## MOTO BOY

*Aos entregadores por aplicativo.*

a pena se calou  
entre os destroços  
de corações despedaçados

a música silenciou  
entre ruas engarrafadas  
de cidades mortas

O grito brotou  
entre o tempo fechado  
dos esquecidos

sem vitória?

## TUDO MUDOU, NADA MUDOU

O céu continua brilhando  
as árvores balançam tranquilamente  
o ar continua o mesmo  
assim como a cantoria dos passarinhos  
às seis da manhã.

Vila Lobos, genial,  
continua arejando o espaço  
enquanto Carolina Maria de Jesus  
permanece mais atual que nunca

tudo mudou  
mas nada mudou.

o que é essencial  
continuará a ser  
o que não é  
talvez se torne  
e o que será de nós  
nem Deus sabe  
muito menos os poetas.

## RESTOS DE NÓS

Chega um momento na vida que só desejamos paz.

Felicidade tornou-se uma ideia velha  
amor, até aqui, provou-se sem sentido  
multidão também não serve mais.

A paz é o que queremos  
como um velhinho que tranquilamente lê o jornal no banco da  
praça  
enquanto pombos comem as migalhas  
do que sobrou de nós.

## QUIPROQUÓ

Que a luz seja revelada  
para além da escuridão  
que ofusca nossas vidas.

Que a melodia seja ouvida  
mesmo com a surdez  
daqueles que tem o poder de decidir.

Que as vozes ecoem  
o grito dos miseráveis  
neste país sem memória!

Sim, é necessário que o poema seja escrito  
um suspiro de vida  
no quiproquó do espaço-tempo.

## **CRESCER DÓI**

o resto é passageiro.

## FLOR QUE ESCREVI CAINDO

descompassadamente andamos  
no fio ordinário da corda bamba.

balançamos, evidentemente;  
chegamos quase a tropeçar.

entre cai ou não cai;  
entre um suspiro e outro;  
a plateia delira, pedindo nossa queda!

é aí, somente aí  
que aprendemos verdadeiramente  
a caminhar.

## Posfácio

### Fragmentos que escrevi caindo

Quando sentei para ler essa reunião de poemas escritos por Gutierre Alves, pensei: “O que mais Gutierre terá para nos dizer?” A resposta encontrei nas horas e dias que fiquei imerso nos seus escritos.

Há muito tempo uma obra não me emocionava com tanta força. Acredito que o ritmo da vida, às vezes, nos faz esquecer dos pequenos encantamentos do cotidiano, como um domingo na casa dos avós, uma roda de samba, um beijo entre namorados na praça, amigos que já se foram ou aqueles que muitas vezes demoramos a encontrar. O autor nos chama para vivenciar o mundo com o seu olhar, com o olhar do artista da palavra.

Não me surpreende o encanto que o poeta tem pelas pequenas coisas, aliás, ele recolhe com os olhos as flores esquecidas quando se cai. Essa colcha de palavras remendadas, só um poeta, como um costureiro cuidadoso pode fazer e ele tece o poema na medida em que a vida segue.

Flores que escrevi caindo, nos oferece o melhor da escrita desse observador do cotidiano, que com sutileza, emoção e esperança nos passa uma mensagem verdadeira que a vida acontece enquanto as flores caem.

## Biografia

Gutierre Alves, é um Poeta Campinense (de nascimento e coração). Com Graduação e Mestrado em História, pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), costuma dizer que a poesia veio por acaso: entre aulas ministradas e o sonho de tornar-se jogador de Futebol – os sonhos não envelhecem, como disse o Poeta. Assina o Blog Resenha Raposeira, escrevendo sobre o Campinense Clube e as relações sociais e políticas que o cercam. Desde 2021 participa, semanalmente, do programa Confraria Raposeira na página do Youtube Sempre Campinense. Em 2020 lançou Pequenas Impressões de um ano incerto, pela Editora Penalux. Há 11 anos leciona História e atualmente é Professor efetivo do Estado da Paraíba. Flores que Escrevi caindo, pela Benares Editora, é seu segundo livro publicado.

### Redes Sociais

Facebook: Gutierre Alves

Instagram: tierrez.alves

